

Proposta de ficha de análise gráfica para *urban sketching*

Propuesta de ficha de análisis gráfico para urban sketching

Proposal of a graphic analysis form for urban sketching

Jailton B. N. Cruz, Bruno S. S. Farias

urban sketching, memória gráfica urbana, ficha de análise, representação visual

A pesquisa propõe uma ficha de análise para registros de *urban sketching*, preenchendo a lacuna de uma abordagem sistemática nos estudos de memória gráfica e design da informação. Baseada nas metodologias de Twyman, Joly e Ashwin, a ficha examina aspectos visuais, composicionais e narrativos. Seu desenvolvimento seguiu um processo iterativo, incluindo revisão bibliográfica e versões em diferentes formatos para maior precisão. Já testada, ainda será validada por especialistas em design, visando contribuir para a sistematização da análise e fomentar novos estudos sobre representação visual e memória gráfica urbana.

urban sketching, memoria gráfica urbana, ficha de análisis, representación visual.

La investigación propone una ficha de análisis para registros de *urban sketching*, abordando la falta de un enfoque sistemático en los estudios de memoria gráfica y diseño de la información. Basada en las metodologías de Twyman, Joly y Ashwin, la ficha examina aspectos visuales, compositivos y narrativos. Su desarrollo siguió un proceso iterativo, que incluyó revisión bibliográfica y versiones en distintos formatos para mayor precisión. Ya probada, aún será validada por especialistas en diseño, con el objetivo de contribuir a la sistematización del análisis y fomentar nuevos estudios sobre representación visual y memoria gráfica urbana..

urban sketching, urban graphic memory, analysis sheet, visual representation

The research proposes an analysis form for urban sketching records, addressing the lack of a systematic approach in studies of graphic memory and information design. Based on the methodologies of Twyman, Joly, and Ashwin, the form examines visual, compositional, and narrative aspects. Its development followed an iterative process, including literature review and multiple format versions for greater accuracy. Already tested, it will still be validated by design experts, aiming to contribute to the systematization of analysis and to foster new studies on visual representation and urban graphic memory.

1 Introdução

A prática do *urban sketching*, entendida como o ato de desenhar *in loco* a partir da observação direta da vida urbana, é amplamente defendida por autores como Gabi Campanario (2008), fundador do movimento *Urban Sketchers*. Eduardo Salavisa (2012) destaca que o urban sketching vai além do desenho, sendo uma interação e imersão no ambiente urbano, conectando desenhistas à cidade e sua dinâmica.

Kallas et al. (2020) destacam que o *urban sketching* permite um resgate da identidade visual e arquitetônica das cidades, ao mesmo tempo em que promovem a educação patrimonial e fortalecem a relação da população com seu patrimônio. Em Centros Históricos, como em São Luís-MA, os croquis produzidos pelos *urban sketchers* revelam não apenas detalhes arquitetônicos singulares, como os tradicionais azulejos portugueses, as fachadas coloniais e as ruas sinuosas, mas também a interação dos habitantes com esses espaços, conferindo um sentido de pertencimento, continuidade histórica, camadas de percepção, afeto e temporalidade (fig. 1).

Figura 1: Croquis urbanos do Centro Histórico de São Luís-MA de autoria de Regina Borba (2016)



Nesse passo, a memória gráfica configura-se como um campo de investigação voltado para a identificação, análise e preservação de artefatos visuais que constituem a cultura material de determinada sociedade, como impressos efêmeros, sinais urbanos e suportes gráficos diversos, reconhecendo seu valor para a construção da identidade local e da memória coletiva (Farias & Braga, 2018). Logo, o *urban sketching* emerge como uma prática contemporânea de registro visual da cidade, realizada *in situ*, e caracterizada pela subjetividade do olhar e pela valorização da experiência sensível do desenhista urbano (Campanario, 2008; Salavisa, 2012). Ao representar elementos arquitetônicos, sinais gráficos e cenas do cotidiano urbano, os croquis resultantes tornam-se artefatos visuais interpretativos, que incorporam tanto a dimensão física da paisagem quanto sua vivência emocional (Valgas, 2019), configurando-se como registros gráficos pertinentes aos estudos de memória gráfica (Fonseca, Gomes & Campos, 2016).

Apesar do reconhecimento do *urban sketching* como ferramenta de documentação e investigação da paisagem urbana, há uma lacuna na relação com a memória gráfica, especialmente na sistematização de instrumentos para sua análise. Métodos existentes para avaliar artefatos visuais oferecem *insights*, mas não abrangem totalmente as peculiaridades dos croquis urbanos, que combinam observação direta, interpretação subjetiva e registro do efêmero.

Diante da necessidade de uma abordagem analítica que considere o urban sketching tanto em sua dimensão prática quanto como artefato visual, propõe-se uma ficha de análise voltada à interpretação aprofundada de suas características e de seu papel na constituição da memória urbana. A proposta é fundamentada nos modelos de análise visual de Ashwin (1979), Joly (1996) e Twyman (1986), resultando em um instrumento metodológico adaptado a partir da revisão de literatura e de metodologias preexistentes. Essa ficha visa à categorização, interpretação e comparação sistemática dos croquis, contribuindo para os estudos em memória gráfica urbana e design da informação.

2 As fichas de análise

As fichas de análise de artefatos gráficos são ferramentas fundamentais para a pesquisa em memória gráfica, pois possibilitam a organização, padronização e sistematização da coleta e interpretação de dados visuais (Moreira & Fonseca, 2018). Elas abrangem desde impressos efêmeros até objetos tridimensionais, permitindo a identificação de padrões, estilos, características formais (como formato, cores, tipografia e elementos visuais) e dados contextuais, como técnica de impressão, autoria, local e data de publicação (Lócio & Waechter, 2019; Moreira & Fonseca, 2018). Nascimento e Medeiros (2019) destacam que há diferentes modelos de fichas, com parâmetros adaptados aos tipos de objetos analisados, podendo enfatizar desde aspectos da linguagem visual até a técnica e o contexto histórico de produção. Tais modelos são flexíveis, permitindo sua reconstrução ou adaptação conforme os objetivos específicos da pesquisa (Lócio & Waechter, 2019).

Aspectos metodológicos, visuais e contextuais

A análise de artefatos gráficos deve estar alinhada aos objetivos da pesquisa, garantindo a relevância dos dados coletados. Para isso, a construção da ficha de análise deve seguir **critérios metodológicos** bem definidos, permitindo uma abordagem sistemática e consistente (Fonseca et al., 2016).

Moreira e Fonseca (2018) destacam a importância da definição de parâmetros e variáveis como forma, tamanho, cor, orientação, consistência, gama e enquadramento, assegurando a coerência entre o instrumento de coleta, o objeto de estudo e o referencial teórico. A seleção dessas variáveis deve ser criteriosa, considerando a especificidade dos artefatos gráficos e a natureza da pesquisa. Além disso, Silva e Coutinho (2017) ressaltam a necessidade de incluir fontes e referências na ficha de análise, garantindo transparência metodológica e replicabilidade do estudo.

A sistematização dos dados é essencial para a análise dos artefatos gráficos, devendo ser organizada de maneira lógica para facilitar a tabulação e interpretação das informações (Verissimo & Campello, 2019). Segundo Martins Filho e Barros (2022), a utilização de planilhas estruturadas permite a categorização dos elementos visuais e materiais dos artefatos, fornecendo uma base sólida para análises quantitativas e qualitativas dos dados.

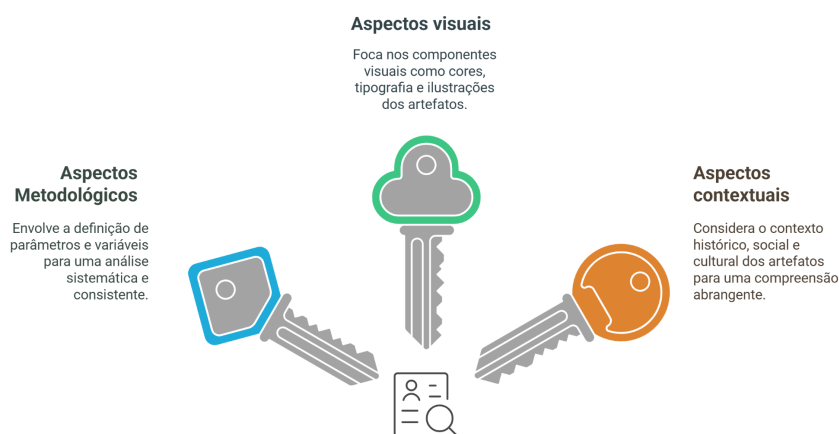
A descrição detalhada dos elementos visuais dos artefatos gráficos é essencial para compreender sua linguagem visual (Coutinho & Lima, 2015). A ficha de análise deve incluir campos específicos para cores, tipografia, ilustrações e diagramação, permitindo identificar estilos, significações e padrões visuais (Lócio & Waechter, 2019). A catalogação exige a definição de categorias descritivas organizadas em fichas e planilhas para análises qualitativas e quantitativas (Martins Filho & Barros, 2022). Essa categorização pode abranger tipo de imagem, estilo de ilustração e planos fotográficos, promovendo uma abordagem sistemática (Bento & Fonseca, 2019). Além disso, a composição visual deve considerar equilíbrio, simetria, hierarquia e possíveis falhas (Nascimento & Medeiros, 2019).

Outro aspecto importante é o estudo das técnicas de produção, analisando escolhas projetuais como tipografia, ilustração e cores em artefatos gráficos, como capas de revistas (Reis, Lima & Lima, 2015). Elementos como papel, tinta, encadernação e tecnologias de impressão ajudam a compreender a cultura da impressão e o contexto tecnológico (Martins Filho & Barros, 2022). Assim, a ficha deve registrar materiais, processos produtivos e softwares utilizados, ampliando a compreensão sobre a materialidade e o contexto da produção gráfica.

Para uma análise abrangente dos artefatos gráficos, é essencial considerar o **contexto histórico, social e cultural**. Estudos de memória gráfica buscam compreender a relevância dos artefatos visuais, integrando elementos culturais locais em suas análises, pois esses objetos contribuem para a criação de identidades locais e coletivas e para a consolidação da memória cultural (Farias & Braga, 2018). A inclusão dessas variáveis nas fichas de análise permite investigar como fatores sociopolíticos e econômicos influenciaram as práticas gráficas e o design dos artefatos, aspecto também destacado por Valgas (2019) ao discutir a memória na construção de registros visuais históricos.

A metodologia proposta por Fonseca et al. (2016) enfatiza que uma ficha de análise estruturada deve abordar não apenas os aspectos formais dos artefatos gráficos, mas também suas funções comunicativas e interações com o público. A análise da comunicação visual envolve elementos como a mensagem pretendida, os objetivos comunicacionais e os recursos gráficos utilizados, incluindo tipografia, composição e enquadramento.

Figura 2: Aspectos pertinentes em uma ficha de análise



Clive Ashwin (1979)

Lócio e Waechter (2019), explicam que para Ashwin (1979), a análise de uma imagem requer uma abordagem que considere tanto suas propriedades sintáticas quanto semânticas. No nível sintático, trata-se de identificar os elementos gráficos sem atribuir significado imediato à imagem, focando nas propriedades físicas, como forma, linha, textura e cor. Por outro lado, no nível semântico, busca-se interpretar o conteúdo e os significados atribuídos à imagem, o que envolve compreender a intenção do autor e o contexto narrativo.

Logo, o modelo inspirado em Clive Ashwin (1979) envolve a análise de sete variáveis – consistência, gama, enquadramento, posicionamento, proximidade, cinética e naturalismo –, permitindo compreender as características estilísticas e composicionais dos croquis (ver tabela 05). Este modelo já foi amplamente utilizado na análise de artefatos gráficos, como em estudos de capas de revistas e outros materiais visuais (Silva & Coutinho, 2017). Assim, propõe-se a aplicação deste modelo em croquis urbanos, com o objetivo de avaliar suas características gráficas específicas e identificar tendências estilísticas individuais ou coletivas.

Martine Joly (1996)

A análise semiótica proposta por Martine Joly (1996) estrutura-se em três níveis de interpretação visual: icônico, plástico e linguístico. O nível icônico refere-se aos objetos representados e suas significações culturais, considerando motivos figurativos e gestuais. O nível plástico examina a sintaxe da imagem, incluindo composição, enquadramento, cores e texturas. Já o nível linguístico trata dos códigos verbais e sua interação com a imagem, analisando a tipografia e os conteúdos linguísticos presentes na composição (Silva & Coutinho, 2017).

Segundo Joly (1996), a interpretação da imagem depende do saber cultural do espectador, o que reforça a importância da contextualização sociocultural na análise visual, de modo que a metodologia dessa autora tem sido amplamente utilizada na análise da imagem gráfica e de materiais impressos, auxiliando na identificação de padrões narrativos e estéticos em diferentes contextos visuais (Lócio & Waechter, 2019).

No contexto do *urban sketching*, essa abordagem é essencial, pois a prática busca registrar não apenas a aparência dos locais, mas também a experiência sensorial e afetiva associada ao espaço urbano. A mensagem icônica refere-se ao conteúdo representado no croqui e sua relação com o contexto urbano e cultural. A mensagem plástica examina a organização visual do croqui, considerando a estruturação dos elementos gráficos e a expressividade da composição. A mensagem linguística, por sua vez, investiga o papel do texto no croqui, identificando sua função e integração com os elementos visuais. Dessa forma, de modo semelhante ao estudo de Silva e Coutinho (2017) acerca da Ilustrações em revistas do Recife, o modelo de Joly auxilia na interpretação da construção de sentido nos croquis, analisando como a escolha de elementos gráficos e textuais influencia, enquanto artefatos, a comunicação visual e a memória gráfica dos espaços urbanos.

Michael Twyman (1986)

A abordagem de Michael Twyman (1986) fundamenta-se na análise sistemática de artefatos gráficos, considerando a organização e interpretação dos elementos visuais dentro de um sistema de comunicação gráfica. Twyman propõe a distinção entre aspectos intrínsecos e extrínsecos da imagem, sendo os primeiros relacionados à estrutura visual interna do artefato – como composição, tipografia, uso de cor e textura – e os segundos voltados à relação do artefato com seu contexto de produção e recepção, incluindo seu propósito comunicativo, suporte e interpretação pelo observador. Segundo Coutinho e Lima (2015) essa distinção proposta por Twyman possibilita um modelo de análise visual estruturado, que pode ser aplicado a diferentes artefatos gráficos, incluindo aqui registros urbanos.

Embora essa metodologia tenha sido amplamente aplicada à análise tipográfica e de impressos, pode ser adaptada para o estudo de croquis urbanos como artefatos gráficos na memória visual das cidades. No *urban sketching*, os aspectos intrínsecos podem ser analisados considerando a organização da composição, o traço, as técnicas empregadas e a estilização da cena urbana. Já os aspectos extrínsecos observam a relação do croqui com o espaço urbano, seu papel como registro gráfico da memória coletiva e seu impacto na percepção dos observadores.

A metodologia aplicada ao *urban sketching* revela como diferentes *sketchers* compõem e dialogam com o ambiente urbano. A análise de Twyman aprofunda a compreensão estética e técnica, auxiliando na interpretação da função documental e comunicativa dos desenhos na memória gráfica das cidades. Para Finizola (2010), a organização dos elementos gráficos em categorias facilita o estudo comparativo da memória visual urbana, permitindo mapear padrões estilísticos e documentais entre representações de um mesmo espaço.

As abordagens metodológicas de Clive Ashwin (1979), Martine Joly (1996) e Michael Twyman (1986), que fundamentam a construção da ficha de análise proposta, apresentam distinções conceituais e operacionais importantes quanto ao foco, à estrutura e à aplicação dos critérios visuais. Para tornar mais clara essa diferenciação e evidenciar como tais modelos se complementam na análise dos registros de *urban sketching*, elaborou-se a Tabela 1, que compara os principais aspectos de cada abordagem, destacando seus critérios de análise, elementos centrais e campos de aplicação.

Tabela 1: Comparativo entre abordagens

Critério	Ashwin (1979)	Joly (1996)	Twyman (1986)
Foco da análise	Estudo do estilo gráfico e seus componentes visuais.	Construção do significado da imagem.	Estrutura gráfica e impacto comunicativo.

Divisão analítica	Sete ingredientes de estilo (consistência, gama, enquadramento, posicionamento, proximidade, cinética e naturalismo).	Mensagem icônica (significado), plástica (composição) e linguística (uso de texto).	Aspectos intrínsecos (composição, cor, textura) e extrínsecos (contexto, função comunicativa).
Abordagem	Análise sintática e estilística da composição visual.	Semiótica e interpretativa: como a imagem constroi sentido para o observador.	Técnica e funcionalista: como os elementos gráficos estruturam a comunicação visual.
Elementos principais	Estudo do grau de naturalismo, uso de cinética, balanceamento de proximidade e enquadramento.	Relação entre signos visuais, estrutura plástica e linguagem verbal.	Estrutura da composição, contraste, textura, relação com o observador.
Aplicação	Avaliação do estilo gráfico, identificação de tendências estilísticas, estudos de ilustração.	Análise de publicidade, ilustração, infografia.	Estudos de design gráfico, ilustrações, capas de livros e revistas, memória gráfica.

3 Construção da ficha de análise de *urban sketching*

O desenvolvimento da ficha de análise de registros de *urban sketching* seguiu um processo progressivo fundamentado na revisão de literatura e na experimentação metodológica, a fim de criar um instrumento eficaz para a coleta e interpretação sistemática de dados sobre registros gráficos urbanos. A construção dessa ficha baseou-se na adaptação de metodologias já aplicadas à análise de artefatos gráficos, considerando a necessidade de uma abordagem específica para os croquis urbanos.

A revisão bibliográfica sobre o uso de fichas de análise na pesquisa em design e memória gráfica considerou autores como Lócio e Waechter (2019), que destacam a importância de fichas bem estruturadas para permitir análises comparativas, identificando recorrências e dissonâncias entre os objetos gráficos.

O desenvolvimento da ficha de análise evoluiu de uma tabela, com flexibilidade limitada, para um formulário Word detalhado, mas ainda restritivo. Finalmente, foi transformada em uma planilha Google, permitindo dados quantitativos e qualitativos, facilitando a comparação e análise estatística.

O resultado desse processo foi uma ficha que incorpora as abordagens metodológicas de Ashwin, Joly e Twyman, permitindo que os croquis sejam analisados sob três perspectivas complementares: estilística e composição (Ashwin), interpretação e construção de significados (Joly) e estrutura visual e comunicativa (Twyman). Assim, a ficha final não apenas amplia as possibilidades analíticas dentro da pesquisa em design da informação e memória gráfica, mas também oferece um instrumento estruturado para futuras investigações sobre *urban sketching* como prática de documentação visual da cidade.

A adoção da escala de valores (-4 a 4) na avaliação dos ingredientes de estilo de Clive Ashwin (1979) na ficha de análise foi baseada em estudos que buscavam quantificar e sistematizar a análise visual de artefatos gráficos. Embora Ashwin tenha inicialmente utilizado

extremos binários, pesquisas posteriores, como as de Lócio e Waechter (2019), demonstraram que escalas intermediárias permitem uma avaliação mais precisa das características estilísticas. Assim, baseado em Ashwin, seguindo Joly e Twyman, cada critério é posicionado em uma escala contínua, permitindo a análise gradual entre extremos.

A ficha de análise visa organizar a coleta e interpretação de dados sobre croquis para análise comparativa. Baseada em metodologias consolidadas, permite investigar aspectos técnicos, composicionais, narrativos e comunicativos dos desenhos urbanos. Após testes práticos, será avaliada por designers para validar a metodologia, aperfeiçoar a estrutura e publicar os resultados. A seguir, serão apresentados os itens da ficha aplicados a um croqui urbano.

Seção 1 - Informações gerais

A seção de informações gerais tem o objetivo de contextualizar o croqui dentro da pesquisa, garantindo sua identificação, rastreabilidade e organização dentro de um acervo analítico. Esses dados permitem a correlação dos croquis com diferentes períodos, autores e locais, facilitando a análise histórica e comparativa.

Tabela 2: Itens da seção 1

Item	Descrição
Autor	Identificação do urban <i>sketcher</i> ou grupo responsável pelo desenho, possibilitando a análise de estilos e técnicas adotadas em abordagens individuais e coletivas.
Data de Produção	Essencial para compreender o contexto temporal do registro, identificando mudanças sazonais, transformações urbanas e evolução do traço do <i>sketcher</i> ao longo do tempo.
Localização	Indicação da cidade e do espaço urbano representado, permitindo a correlação com dados geográficos, históricos e culturais da região.
Grupo e Evento	Registro de encontros de <i>urban sketchers</i> e eventos culturais, analisando como o desenho é influenciado por interações sociais e dinâmicas coletivas.
Nome do Arquivo	Identificação do arquivo digital do croqui, permitindo sua organização, padronização e fácil localização no acervo.
Fonte da Coleta	Indicação da origem do croqui (rede social, acervo pessoal, exposição, publicação acadêmica), facilitando a rastreamento e autenticação do material.
Link	Caso o croqui esteja disponível online, esse campo permite consultas futuras e possibilita a inclusão de referências visuais na análise.

Essas informações estruturam a base da análise, permitindo que os croquis sejam organizados e comparados dentro de um sistema estruturado de pesquisa visual.

Figura 3: Recorte da seção 1 da ficha de análise do croqui do *urban sketcher* Raro de Oliveira

Ficha de análise gráfica de <i>urban sketching</i> nº 01					
					
1. Informações gerais					
Autor:	Raro de Oliveira	Data de produção:	11 de maio de 2024	Localização:	Largo da Ordem, Curitiba, Paraná, Brasil
Grupo:	Não informado	Evento:	Não informado	Nome do arquivo:	CUR_2024_05_LargoDaOrdem_Fachadas_RaroOliveira_01
Fonte da coleta:	Instagram (@rarodeoliveira)	Link:	https://www.instagram.com/rarodeoliveira/	Ficha nº	1

Seção 2 - Materiais utilizados

O objetivo dessa seção é compreender os meios técnicos e materiais utilizados pelos *sketchers* e como essas escolhas influenciam a estética e a interpretação dos croquis.

Tabela 3: Itens da seção 2

Item	Descrição
Com o que se desenha	A escolha do material gráfico (lápis, caneta, aquarela) afeta diretamente a expressividade, o nível de detalhamento e a textura da imagem.
Sobre o que se desenha	A superfície onde o croqui é feito (papel, caderno, digital) impacta a durabilidade do desenho, sua portabilidade e a forma de registro urbano.
Técnica	Métodos como traço linear, aquarela e hachura determinam a plasticidade e a legibilidade do croqui, sendo aspectos fundamentais para a análise estilística e comunicativa.

Esses dados permitem compreender tendências na escolha de materiais, analisando a relação entre suporte, técnica e impacto visual na representação da cidade.

Figura 4: Recorte da seção 2 da ficha de análise

2. Materiais utilizados					
Com o que se desenha		Sobre o que se desenha		Técnica	
Ferramentas secas		Cadernos de desenho (Sketchbooks)	Cadernos artesanais... Papel texturizado	Técnicas de desenho e pintura	Linha expressiva Aguada de aq...
Canetas e marcadores	Bico de pena	Papéis avulsos			
Tintas	Tinta nanquim	Materiais alternativos			

Seção 3 - Contexto da produção

Essa seção categoriza os croquis de acordo com seu conteúdo temático e sua relação com a paisagem urbana, tendo como objetivo identificar quais aspectos da cidade os *urban sketchers* priorizam.

Tabela 4: Itens da seção 3

Categoria	Descrição
Arquitetura e patrimônio edificado	Identifica croquis que registram edifícios históricos, fachadas ornamentadas, ruínas e processos de restauração, auxiliando na documentação visual do patrimônio urbano.
Espaços públicos e vida urbana	Engloba representações de praças, mercados, mobiliário urbano e interações sociais, fornecendo insights sobre a vivência e a dinâmica dos espaços públicos.
Cultura e identidade local	Abrange elementos como grafites, esculturas, festas populares e símbolos urbanos, analisando como a identidade visual da cidade é retratada nos croquis.
Interação humana e vida cotidiana	Destaca a presença de figuras humanas e cenas do cotidiano, permitindo analisar como as pessoas interagem com o espaço urbano e como são representadas no urban sketching.
Memória e transformação urbana	Registra modificações na paisagem urbana, como gentrificação, descaracterização de espaços e preservação de ruínas, possibilitando uma análise visual das transformações da cidade ao longo do tempo.

Essas categorias ajudam a compreender quais aspectos do *urban sketching* contribuem para a memória gráfica e como os *sketchers* escolhem representar o espaço urbano.

Figura 5: Recorte da seção 3 da ficha de análise

3. Contexto da produção		
Arquitetura e patrimônio edificado		
Edificações históricas	Fachadas e ornamentação	Ruínas e restauros
Igrejas e construções religiosas Palácios, sobrados e casarões	Portas, janelas e sacadas	
Espaços públicos e vida urbana		
Praças e logradouros	Ruas e vielas	Mercados e feiras tradicionais
	Dinâmica dos pedestres e ciclistas	
Cultura e identidade Local		
Arte e expressão visual	Festas e eventos	Símbolos e elementos culturais
		Elementos vernaculares e símb...
Interação humana e vida cotidiana		
Habitantes e passantes	Dinâmicas urbanas	Atividades e usos do espaço
Turistas e visitantes		
Memória e transformação urbana		
Camadas do tempo	Conflitos e desafios	Representações visuais da memória
Superposição de períodos arquitetôni...		

Seção 4 - Análise gráfica e composicional (Baseada em Ashwin)

O quarto item da ficha de análise busca examinar as características visuais e estilísticas do croqui, aplicando a metodologia proposta por Clive Ashwin (1979).

Tabela 5: Itens da seção 4

Ingrediente de Estilo	Escala entre extremos
Consistência	Homogênea: Traços uniformes e coerentes ao longo do croqui. Heterogênea: Mistura de estilos, técnicas variadas no mesmo desenho.
Gama	Restrita: Poucas variações de tonalidade e detalhe. Expandida: Ampliação de efeitos gráficos, maior exploração de formas e texturas.
Enquadramento	Conjuntivo: Elementos visuais se conectam ao fundo e criam continuidade espacial. Disjuntivo: Figuras destacadas, sem conexão evidente com o cenário.
Posicionamento	Casual: Composição solta e espontânea, sensação de improvisação. Simétrico: Organização balanceada, elementos distribuídos de forma ordenada.
Proximidade	Distante: Cena geral, vista ampla de um local. Perto: Foco em detalhes arquitetônicos ou elementos específicos.
Cinética	Estática: Ausência de movimento ou sensação de congelamento da cena. Dinâmica: Elementos gráficos sugerem ação e fluidez, como pessoas em movimento.
Naturalismo	Naturalista: Representação fiel à realidade, proporções precisas. Não-Naturalista: Interpretação subjetiva, distorções estilísticas e estilização gráfica.

Figura 6: Recorte da seção 4 da ficha de análise

4. Análise gráfica e composicional (Escala Ashwin)			
Consistência	Homogênea	3 ▼	Heterogênea
Gama	Restrita	3 ▼	Expandido
Enquadramento	Disjuntivo	2 ▼	Conjuntivo
Posicionamento	Simétrico	1 ▼	Casual
Proximidade	Perto	2 ▼	Distante
Cinética	Estático	3 ▼	Dinâmico
Naturalismo	Naturalista	1 ▼	Não Naturalista

Seção 5 - Significado da imagem (Baseado em Joly)

Esta seção considera a abordagem semiótica baseada em Martine Joly (1996) permite uma leitura dos croquis ao considerar três níveis de interpretação da imagem que foram categorizadas em quatro critérios cada, considerando a graduação entre extremos, semelhante a escala Ashwin.

Tabela 6: Itens da seção 5 da ficha de análise

Mensagem icônica	Escala entre extremos
Realismo da Representação	Abstrato: Formas simplificadas, estilizadas. Realista: Fiel às proporções e detalhes do local.
Narrativa e Contexto	Subjetivo: Expressa emoções e interpretação pessoal. Objetivo: Registro fiel da cena, sem interpretação emocional.
Simbologia Cultural	Neutra: Representação sem elementos simbólicos evidentes. Carregada: Uso de ícones culturais marcantes, como igrejas, grafites e bandeiras.
Perspectiva e Ponto de Vista	Pessoal: Enquadramento que enfatiza um olhar único do <i>sketcher</i> . Neutro: Representação mais convencional, sem interpretações estilísticas.
Mensagem plástica	Escala entre extremos
Organização espacial	Caótica: Elementos dispersos, composição irregular. Estruturada: Composição equilibrada, respeitando proporções.
Contraste e textura	Suave: Poucas variações tonais e texturais. Marcante: Uso forte de contraste, hachuras ou efeitos gráficos.
Equilíbrio composicional	Assimétrico: Distribuição irregular dos elementos. Simétrico: Organização equilibrada da cena.
Expressividade visual	Fria: Uso racional dos elementos gráficos. Emocional: Linhas soltas e dinâmicas, evidenciando gestualidade.
Mensagem linguística	Escala entre extremos
Presença de texto	Ausente: Croqui puramente visual. Presente: Textos e anotações ocupam parte significativa da composição.

Tipo de informação	Descritiva: Informa dados objetivos (nome do local, data, temperatura). Interpretativa: Adiciona reflexões, emoções e impressões pessoais.
Relação texto-imagem	Secundária: O texto é um complemento menor. Integrada: O texto interage ativamente com o croqui, moldando sua leitura.
Tipografia e escrita	Organizada: Letras bem definidas, padrão caligráfico. Espontânea: Escrita manual livre, rabiscada.

Figura 7: Recorte da seção 5 da ficha

5. Significado da imagem (baseado em Joly)			
Mensagem icônica (Significação contextual)			
Realismo da representação	Abstrato	2 ▼	Realista
Narrativa e contexto	Subjetivo	-3 ▼	Objetivo
Simbologia cultural	Carregada	-2 ▼	Neutra
Perspectiva e ponto de vista	Pessoal	-3 ▼	Neutra
Mensagem plástica (Sintaxe visual)			
Organização espacial	Caótica	2 ▼	Estruturado
Contraste e textura	Marcante	-3 ▼	Suave
Equilíbrio composicional	Assimétrico	-2 ▼	Simétrico
Expressividade visual	Emocional	-3 ▼	Fria
Mensagem linguística (Uso de texto e anotações)			
Presença de texto	Ausente	2 ▼	Presente
Tipo de informação	Interpretativa	-2 ▼	Descritiva
Relação texto-imagem	Integrada	-2 ▼	Secundária
Tipografia e escrita	Espontânea	-1 ▼	Organizada

Seção 6 - Linguagem visual (Baseado em Twyman)

Com base na proposta de Michael Twyman (1986), essa seção examina a estrutura gráfica e comunicativa dos croquis, dividindo-se em aspectos intrínsecos e extrínsecos também categorizados em critérios com escalas de grandeza.

Tabela 7: Itens da seção 6 da ficha

Aspectos Intrínsecos	Escala entre extremos
Composição	Aberta: cena ampla, perspectiva solta. Fechada: composição focada, enquadramento definido.

Traço e técnica	Espontâneo: linhas soltas, esboço rápido. Controlado: traços refinados, precisão técnica.
Uso de cor	Monocromático: apenas um tom ou poucos contrastes. Policromático: paleta variada, riqueza cromática.
Textura e sombreamento	Liso: superfícies chapadas, pouco contraste. Texturizado: uso expressivo de hachuras, aquarela ou nanquim.
Detalhamento	Simplificado: formas básicas, mínimo de detalhes. Complexo: alta quantidade de informações visuais.
Aspectos Extrínsecos	Escala entre extremos
Função do croqui	Expressivo: mais subjetivo, foco na emoção. Documental: fiel ao real, registro preciso.
Interação com o lugar	Descontextualizado: destaca um elemento isolado. Contextualizado: insere o objeto em seu ambiente.
Ponto de vista	Pessoal: enfatiza interpretação subjetiva do local. Neutro: representação fiel, sem interpretação emocional.
Impacto no observador	Impressionista: foca em atmosfera, luz e movimento. Descritivo: registra detalhes estruturais e informativos (setas, gráficos, mapas e diagramas).

Figura 8: Recorte da seção 6 da ficha

6. Linguagem visual (baseado em Twyman)			
Aspectos intrínsecos (Características internas do croqui)			
Composição	Aberta	-2 ▼	Fechada
Traço e técnica	Espontâneo	-3 ▼	Controlado
Uso de cor	Monocromático	2 ▼	Policromático
Textura e sombreamento	Liso	2 ▼	Texturizado
Detalhamento	Simplificado	2 ▼	Complexo
Aspectos extrínsecos (Interação do croqui com seu contexto)			
Função do croqui	Expressivo	-3 ▼	Documental
Interação com o lugar	Descontextualizado	3 ▼	Contextualizado
Ponto de vista	Pessoal	-2 ▼	Neutro
Impacto no observador	Impressionista	-3 ▼	Descritivo

4 Considerações finais

O desenvolvimento da ficha de análise de croquis de *urban sketching* configura-se como uma contribuição metodológica para a pesquisa em memória gráfica urbana e design da informação,

oferecendo um instrumento sistemático para a coleta, organização e interpretação de registros visuais urbanos. Integrando as abordagens analíticas de Ashwin, Joly e Twyman, a ficha possibilita o registro detalhado dos croquis, abordando tanto aspectos formais e composicionais, quanto narrativas simbólicas e interações comunicativas no contexto da paisagem urbana.

A construção da ficha de análise que faz parte de uma dissertação de mestrado ainda em andamento, permite compreender como os *sketchers* estruturam suas representações, quais elementos priorizam e como suas escolhas estilísticas influenciam a percepção da cidade. Além disso, o instrumento possibilita estudos comparativos e a identificação de padrões visuais, auxiliando na análise da diversidade estilística e da evolução do registro gráfico da cidade.

Dessa forma, este estudo propõe um primeiro passo na construção de um instrumento de análise específico para o *urban sketching*, que poderá contribuir para futuras pesquisas no campo da memória gráfica, do design da informação e da documentação urbana. A validação e aplicação da ficha em distintos contextos urbanos são essenciais para consolidá-la como uma ferramenta eficaz, ampliando seu potencial investigativo e assegurando sua relevância tanto na pesquisa acadêmica quanto na prática do urban sketching voltada ao registro e preservação da identidade visual das cidades.

Referências

- Ashwin, C. (1979). *A basis for an analysis of style in graphic design*. Journal of Design History, 2(1), 1-16.
- Bento, D. A. P., & Fonseca, M. S. C. (2019). *Ilustrações em revistas do Recife (1920-1929): Classificações e parâmetros de análise para investigações visuais*. In C. G. Spinillo, L. M. Fadel, V. T. Souto, T. B. P. Silva, & R. J. Camara (Orgs.), *Anais do 9º Congresso Internacional de Design da Informação – CIDI* (pp. 1563–1576). Blucher.
- Borba, R. (2016). In A. Dias (Org.), *Sketchers do Brasil* (pp. 168–171). Editora dos Autores.
- Campanario, G. (2008). *The art of urban sketching: Drawing on location around the world*. Quarry Books.
- Coutinho, L. G., & Lima, G. C. (2015). *Uma proposta de catalogação e análise dos rótulos de cerveja das microcervejarias do estado do Rio de Janeiro*. In C. G. Spinillo, L. M. Fadel, V. T. Souto, T. B. P. Silva, & R. J. Camara (Eds.), *Anais do 7º Congresso Internacional de Design da Informação (CIDI)* (Vol. 2, Num. 2). Blucher.
- Farias, P. L., & Braga, M. C. (2018). *Dez ensaios sobre memória gráfica*. São Paulo: Blucher.
- Finizola, F. (2010). *Panorama tipográfico dos letreiramentos populares: um estudo de caso na cidade do Recife*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco.
- Fonseca, L. P., Gomes, D. D., & Campos, A. P. (2016). *Conjunto metodológico para pesquisa em história do design a partir de materiais impressos*. *Revista Brasileira de Design da Informação*, 13(2), 143-161.
- Joly, M. (1996). *Introdução à análise da imagem* (M. Amorim, Trad.). Papirus.

- Kallas, L. M. E., Guillén-Salas, J. C., & Silva, E. A. S. (2020). *Resgate, valorização, educação e documentação do patrimônio por meio de sketches*. Revista Jatobá, 2, e-66526.
- Lócio, L. M., & Waechter, H. N. (2019). *Reconstruindo e adaptando fichas: proposta de instrumento de análise gráfica*. In Anais do 9º Congresso Internacional de Design da Informação (CIDI) (pp. 2445-2458). Sociedade Brasileira de Design da Informação – SBDI.
- Martins Filho, T. B., & Barros, H. de. (2022). *Cultura material e cultura da impressão como parâmetros para pesquisas comparativas em acervos de livros impressos*. In Anais do 14º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. ESDI – Escola Superior de Desenho Industrial.
- Moreira, L. A., & Fonseca, L. P. (2018). *Proposta de ficha de coleta de dados para análise de acervos de imagens*. In Anais do 8º Congresso Internacional de Design da Informação (CIDI) (pp. 1208-1224). Blucher.
- Nascimento, R., & Medeiros, L. M. S. (2019). *Estratégia de registro de artefatos impressos: um desenho do circuito gráfico feito com fichas e diálogo*. In Anais do 9º Congresso Internacional de Design da Informação (CIDI). Sociedade Brasileira de Design da Informação – SBDI7.
- Reis, S. R., Lima, E. L. O. C., & Lima, G. C. (2015). *Memória gráfica brasileira – Da memória ao efêmero: o caso das capas de discos de vinil*. In C. G. Spinillo, L. M. Fadel, V. T. Souto, T. B. P. Silva, & R. J. Camara (Eds.), *Anais do 7º Congresso Internacional de Design da Informação – CIDI* (Vol. 2, No. 2, pp. 1428–1433). Blucher.
- Raro de Oliveira. (n.d.). *Perfil no Instagram*. Instagram. Recuperado em 19 de março de 2025, de <https://www.instagram.com/rarodeoliveira/>
- Salavisa, E. (2012). *Urban sketchers em Lisboa: desenhando a cidade*. Lisboa: Quimera.
- Silva, Í. S. C. S., & Coutinho, S. G. (2017). *Um olhar sobre o modelo analítico de Clive Ashwin aplicado nas ilustrações de Vera Cruz*. In Anais do 8º Congresso Internacional de Design da Informação (CIDI). Sociedade Brasileira de Design da Informação – SBDI.
- Twyman, M. (1986). *The significance of typography in information design*. In R. D. Hersch (Ed.), *Electronic Publishing, Artistic Imaging, and Digital Typography* (pp. 3–23). Cambridge University Press.
- Valgas, P. H. T. (2019). *Urban Sketchers e o heroísmo moderno*. Revista Latino-Americana de História, 8(21), 69-84. ISSN 2238-0620.
- Verissimo, B. P., & Campello, S. R. B. B. (2019). *Memória Gráfica de Pernambuco: Luís Jardim sob a ótica do design da informação*. In Anais do 9º Congresso Internacional de Design da Informação (CIDI) (pp. 2375-2385). Sociedade Brasileira de Design da Informação – SBDI

Sobre os autores

Jailton B. N. da Cruz, mestrando, UFMA, Brasil <jotabnc@gmail.com>

Bruno S. S. Farias, Dr.º, UFMA, Brasil <bruno.serviliano@ufma.br>